

SINTONIAS, SINCRONISMOS E CORRESPONDÊNCIAS NO QUADRO LITERÁRIO IBÉRICO

Antonio Sáez Delgado; Santiago Pérez Isasi (2018).

De espaldas abiertas: relaciones literarias y culturales ibéricas (1870-1930)
(Albolote: Editorial Comares)

Explicitamente situado no âmbito dos Estudos Ibéricos, o livro em foco supõe mais uma proposta analítica de conjunto por parte de dois autores que se têm debruçado extensa e intensamente sobre as relações literárias no espaço ibérico; tanto Sáez Delgado (Universidade Évora) como Pérez Isasi (Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa) atesouraram já uma muito importante e ativa produção académica incontornável dentro das margens dos denominados Estudos Ibéricos. Nesta direção, cabe apontar o facto de o volume, publicado em Granada, contar com o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia em função da sua vinculação a dois projetos de investigação em curso e com participação destacada dos autores.

O livro defende solidamente em cinco capítulos a seguinte ideia: face à tese, ainda em vigor no(s) campo(s) académico(s) e não só, das históricas *costas viradas* entre os diferentes sistemas literários(/culturais) ibéricos — amiúde entendida exclusivamente para o caso espanhol e português —, os autores argumentam ao longo das quase duzentas páginas que «cuando este tópico es confrontado con los datos y con la realidad histórica de los intercambios [...] entre los territorios [...] se comprueba que estas supuestas espaldas viradas están abiertas» (p. 1).

Abre o livro uma «Introducción» onde os autores, sem cair num excessivo academicismo teórico, esclarecem os pontos de partida sobre os quais assenta toda a abordagem. Ancorado nos Estudos Ibéricos, «campo específico» que eles defendem, os recursos teóricos e metodológicos filiam-se com a literatura comparada. Esta opção não impede a consideração da natureza poliédrica das relações no quadro ibérico, particularmente em função dos diferentes programas políticos (e culturais) a funcionar: «las relaciones culturales ibéricas se manifiestan a través del diálogo, el intercambio fructífero [...], pero también a través del deseo de dominación, el conflicto o el silenciamiento del 'otro peri-

férico' por parte de los centros hegemónicos» (p. 6); nesta direção, segundo se pode ler, a proposta pretende ultrapassar o «protagonismo casi exclusivo adquirido por la literatura española en los estudios peninsulares» (p. 4). A introdução, para além de justificar o período em análise em função da intensidade das relações intra-ibéricas, aponta igualmente para a necessidade de ter presente os contactos com outros sistemas literários extra-ibéricos.

No segundo capítulo, «El tiempo de los iberismos culturales», adoptando uma não rígida perspectiva diacrónica até ao fim do volume, o iberismo, de natureza plural, é entendido e analisado como a linha de força fundamental a promover a inter-relação no âmbito ibérico a partir de meados do século xx, espoletado, *grosso modo*, pela ideia da decadência ibérica no contexto ocidental e marcadamente presente em autores como Antero de Quental ou Oliveira Martins. Por seu turno, com acento nas relações literárias — elo fundamental da abordagem no livro — é analisada a «sincronía estética» (p. 24) da expansão do naturalismo literário no espaço geocultural em foco; a atenção, nesta direção, centra-se em autores como Eça de Queirós, Clarín e Emilia Pardo Bazán. Este capítulo é fechado e complementado com a inclusão dos sistemas literários emergentes — o catalão, galego e basco —, enquanto elementos consubstanciais ao iberismo.

Em «El tiempo del simbolismo y el modernismo en la península ibérica», terceiro capítulo, os autores detetam um estado dos campos similar no que diz respeito às propostas para a superação do realismo literário. Neste quadro, Eugénio de Castro é analisado como um dos grandes expoentes, apesar do menor reconhecimento no sistema literário português atual, do contacto intersistémico, também com autores do outro lado do atlântico. Do lado do sistema literário espanhol, é destacada e amplamente argumentada a posição central de Miguel de Unamuno enquanto «expectador privilegiado de la realidad literaria peninsular y [...] mediador más prestigiado del acercamiento cultural entre varios de sus sistemas» (p. 63). Outros autores, nomeadamente Teixeira de Pascoaes, e repertórios, o saudosismo particularmente, são abordados com o sentido de esclarecer as diferentes conexões estabelecidas em função do entendimento do «iberismo tripartito», constituído por três grandes espaços geoculturais: o galego-português, o castelhano e o catalão.

A dimensão ibérica de Fernando Pessoa e outros autores protagonizam o quarto capítulo, «El tiempo del primer modernismo y la primera vanguardia». A diferença de outros casos anteriores, os contactos estabelecidos entre o primeiro modernismo português e a primeira vanguarda espanhola encenam os

obstáculos vários que agentes e grupos periféricos nos seus sistemas literários enfrentam para o contacto intersistémico. Os vínculos entre Fernando Pessoa e os ultraístas espanhóis, a presença portuguesa na biografia e obra de Ramón Gómez de la Serna ou o importante contacto de Almada Negreiros com o Madrid de 1927 a 1932, fundamentam a existência de um «primer momento de la Vanguardia ibérica en el que [la] convivencia es estrecha e irreprochable» (p. 100). Encerra o capítulo uma rápida incursão nas difusas lógicas intersistémicas da literatura basca com atenção aos escritores Esteban Urkiaga e José María Agirre.

«El segundo modernismo portugués y la generación del 27. Apuntes abiertos», quinto e último capítulo, aborda o que para os autores será o «o momento de mayor sincronización estética entre las literaturas portuguesa y española» (p. 139) no período em análise; cujo diálogo logo ficou comprometido por condicionamentos político-culturais acabando por obstaculizar o crescente contacto estabelecido entre as revistas *La Gaceta Literaria* de Madrid e a coimbrã *Presença*. Encerram capítulo e livro os tais «Apuntes abiertos» onde se debuxam linhas de análise já fora do período estudado no trabalho.

No seu conjunto, o volume aqui recensionado, e de uma perspetiva mais valorativa do que descritiva, traz de novo a aplicação da tese defendida — as *costas abiertas*, dito sinteticamente — a um período certamente amplo e raramente analisado como um *continuum*. As *sintonias*, *paralelismos*, *sincronismos*, *relações cruzadas*, *correspondências* ou *leituras mútuas*, invocadas ao longo de todo o texto, enformam um quadro ibérico grávido, na sua dimensão literária, de importantes relações qualitativa e quantitativamente consideradas. Acresce a isto, os esforços dos autores para ultrapassar as lógicas analíticas duais, com protagonismo para os sistemas literários espanhol e português, que tão habituais têm sido também no(s) campo(s) académicos em jogo. Apesar de o livro não incluir umas conclusões finais, o leitor bem pode inferir algumas das linhas de força do relacionamento intersistémico a partir do exposto, entre as quais, o denominado «iberismo tripartito», em ocasiões a caminho da hegemonia no quadro ibérico; sempre, em todo o caso, ressalta o carácter geoculturalmente poliédrico do relacionamento. Cabe, contudo, refletir acerca da viabilidade de ampliar o foco a outros espaços geo-culturais periféricos (o caso asturiano?) ou dar uma atenção sistemática a grupos e agentes ativos fisicamente nas periferias ibéricas, isto é, fora de Barcelona, Lisboa ou Madrid.

Por outro lado, a leitura de *De espaldas abiertas...* coloca ainda outras questões, sobretudo quanto à dimensão não literária, mas igualmente cultural, do

contacto. Nesta direção, caberá aprofundar no impacto das mobilidades sociais, frequentes em grande parte da época contemporânea; pense-se nas várias vagas de exilados a um e outro lado da(s) fronteira(s) ou na numerosa e longínqua colónia galega radicada em Lisboa, capacitada a partir do último quartel do século XIX para intervir política e culturalmente. Outra dimensão menos explorada mas igualmente pertinente relaciona-se com os vários eventos que, direta ou indiretamente vinculados ao(s) iberismo(s), têm lugar no período em foco, por exemplo: a Exposição de Arte Catalã (Lisboa, 1921), a madrilenha Sociedad de Amigos de Portugal (constituída em 1922), a Exposición del Libro Portugués (Madrid, 1928), a participação portuguesa na Exposição Iberoamericana de Sevilha (em 1929) ou, alguns anos mais tarde, a Semana Cultural Galega do Porto (em 1935).

Por fim e em síntese, *De espaldas abiertas: relaciones literarias y culturales ibéricas (1870-1930)*, numa cuidada edição de fácil leitura, supõe mais um novo e incontornável contributo dos autores — com, como já se apontou, longo percurso investigativo no âmbito dos Estudos ibéricos — para a análise e compreensão do que o nobel de literatura português alguma vez chamou o *mosaico ibérico*.

CARLOS PAZOS-JUSTO
Universidade do Minho
carlospazos@ilch.uminho.pt